

FONSECA, Roseany Karimme Silva. **Abrigos Internos: Locais de Isolamentos, Processos Cênicos e Sobrevivências**. Belém: UFPA. Mestra em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES/UFPA), na linha de Poéticas e Processos de Atuação em Artes, com bolsa CAPES. Pesquisadora vinculada à Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas/ABRACE. Colaboradora em Pesquisa e Montagem Cênica pela Escola de Teatro e Dança da UFPA – ETDUFPA e Atriz pelo Curso Técnico em Ator pela mesma instituição. E-mail:rose.karimme@gmail.com

RESUMO

Diante de um contexto de pandemia para diversos artistas-pesquisadores cênicos no Brasil, ocorre uma necessidade de reorganização dos espaços de apresentações artísticas. Com a questão dos distanciamentos, muitos artistas passam a trabalhar de forma mais individual dentro de casa. Logo, surgem três questionamentos: Quais os conceitos que se tem acerca da ideia de casa e como este espaço se reorganiza diante de um contexto pandêmico? De que maneira a casa se torna um local de deslocamento para um trabalho cênico solo? Como se realiza/reorganiza uma pesquisa em arte dentro do espaço casa? Partindo destas questões, o presente trabalho discorre sobre as possibilidades concretas e metafóricas que permeiam a ideia de casa e a apresenta como 'locaos', ou seja, um lugar onde o caos ocorre a partir de um contexto geral de pandemias e isolamentos no ano de 2020. Explora-se cada parte da casa como um resgate de memórias e ações que envolvem os processos cênicos, utilizando as ideias de casa-tempo (Sônia Rangel), casa-corpo (Lygia Clark) e a poética do espaço (Gaston Bachelard). Por meio destes três autores, o trabalho transita entre diversos abrigos e busca a elaboração da casa como um disparador poético de reorganizações e sobrevivência.

Palavras-chave: Casa. Processos Cênicos. Artista-pesquisadora. Pesquisa em Arte. Pandemia.

ABSTRACT

The present work discusses the concrete and metaphorical possibilities that permeate the idea of home and presents it as 'locaos', that is, a place where chaos occurs from a general context of pandemics and isolations. Each part of the house is explored as a rescue of memories and actions that involve the scenic processes, using the ideas of house-time (Sônia Rangel), house-body (Lygia Clark) and the poetics of space (Gaston Bachelard). Through these three authors, the work moves between different shelters and seeks the elaboration of the house as a poetic trigger for reorganizations and survival.

Keywords: Home, Scenic Processes, Artist-researcher, Art Research, Pandemic.

CASA CONCRETA E METAFÓRICA: de qual – ou quais - abrigos falamos?

Quais os conceitos que se tem acerca da ideia de casa e como este espaço se reorganiza diante de um contexto pandêmico? De que maneira a casa se torna um local de deslocamento para um trabalho cênico? Como realizar uma pesquisa em arte em casa? Estas três questões norteiam o presente trabalho e surgem como problematizações para o entendimento da produção em Artes Cênicas perante uma crise de saúde global ocasionada pelo COVID-19, além da crise política já observada no Brasil. No ano de 2020, a pandemia se prolifera, alterando diversos contextos e costumes a nível mundial. Em um contexto micro – o da elaboração de pesquisas em arte - observa-se uma realocação de trabalhos, onde o ambiente primordial para as suas execuções está concentrado em uma casa. Pode-se considerar a casa como um registro da história de quem nela habita, desde objetos até espaços mais amplos. Casas configuram-se como enormes registros de percepções, como Felipe (2010) ratifica:

O universo da percepção espacial de um indivíduo possivelmente diz respeito a posturas de diferentes naturezas frente ao entorno. Estabelecemos, por exemplo, relações de caráter utilitário, que colocam em primeiro plano a função ou a serventia de objetos, elementos e lugares; relações nas quais nos posicionamos de maneira a evocar certas características simbólicas do espaço, carregadas de história; ou, ainda, que estão fundamentadas nas impressões ou sensações decorrentes do envolvimento direto e atual do indivíduo junto ao entorno. (FELIPPE, 2010, p. 299).

O presente trabalho discorre sobre as possibilidades concretas e metafóricas que permeiam esta ideia de casa e a apresenta como *locaos*, ou seja, um lugar onde o caos ocorre a partir de um contexto geral de pandemias e isolamentos. Explora-se cada parte da casa como um resgate de memórias e ações que envolvem os processos cênicos, utilizando as ideias de casa-tempo (Sônia Rangel), casa-corpo (Lygia Clark) e a poética do espaço (Gaston Bachelard).

Inicialmente, faz-se necessário refletir sobre qual – ou quais abrigos falamos: a ideia de casa propõe espaços concretos e metafóricos, uma vez que se dispõe como lugar de possibilidades. Aqui apresenta-se a ligação deste conceito a partir de três perspectivas/elementos diferentes: o espaço poético, o tempo e o corpo.

CASA ENQUANTO ESPAÇO POÉTICO – Gaston Bachelard

Não apenas as nossas lembranças, mas também os nossos esquecimentos estão aí "alojados". Nosso inconsciente está "alojado". Nossa alma é uma morada. E quando nos lembramos das "casas", dos "apostos", aprendemos a "morar" em nós mesmos. Vemos logo que as imagens da casa seguem nos dois sentidos: estão em nós assim como nós estamos nelas. (BACHELARD, 1993, p. 197)

Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela. Os escritores de "apostos simples" evocam com frequência esse elemento da poética do espaço. (ibidem, p. 200)

Na obra *A Poética do Espaço*, o autor Gaston Bachelard¹ evoca, por meio de uma abordagem fenomenológica, uma aproximação da casa por meio de um significado cósmico e também, íntimo. Diante desta primeira perspectiva, considera-se neste trabalho a ideia de *abrigos internos*: extensões íntimas de um lugar. Esta ideia propõe a cada um como um espaço de lembranças, relacionado com passagens da vida – não apenas habitar o local casa, como ser habitado(a) por este lugar. Em um contexto de pandemia, as casas se tornam *locaos* de experimentação. A ideia/execução de processos criativos é aquela na qual há uma recriação do espaço da casa como um espaço de intervenção artística, e conseqüentemente, um espaço poético.

Para adentrar à ideia proposta pela autora deste texto, é preciso apresentar um recorte de um lugar em sua própria casa, reorganizado para a instalação/instauração de uma poética cênica. Daí se propôs, em uma experiência prática e diante de uma realidade pandêmica, a possibilidade de atribuir outros sentidos e formas de ocupação. *Travessias* foi uma poética cênica elaborada como conclusão prática de uma pesquisa de mestrado em artes e necessitou desta reorganização para poder caminhar junto com a pesquisa teórica. Enquanto pesquisa em arte, a poética se concentrou dentro das proposições de pesquisa e vice-versa, compondo um trabalho artístico de mão

¹ Filósofo francês, Gaston Bachelard (1884-1962) foi um expoente para o pensamento poético dentro da Filosofia. Por meio de obras como *A Poética do Espaço* e *A Poética do Devaneio*, o autor propunha diversas relações poético-teóricas.

dupla, sustentado por bases teóricas. Em um cenário de pandemia, um cômodo de uma casa foi reestruturado para receber o trabalho cênico.

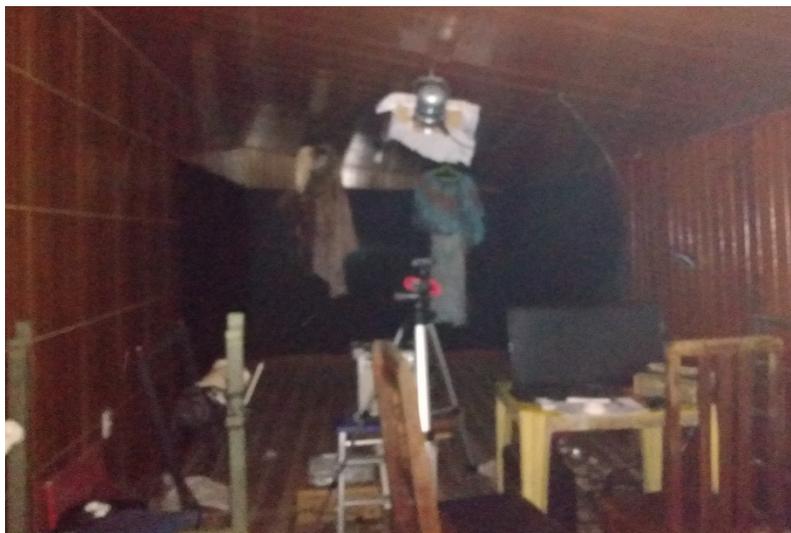


Figura 1 – Quarto dentro de casa - Processo de montagem do ato cênico TravessiaS, 2021.
Fonte: arquivo pessoal.

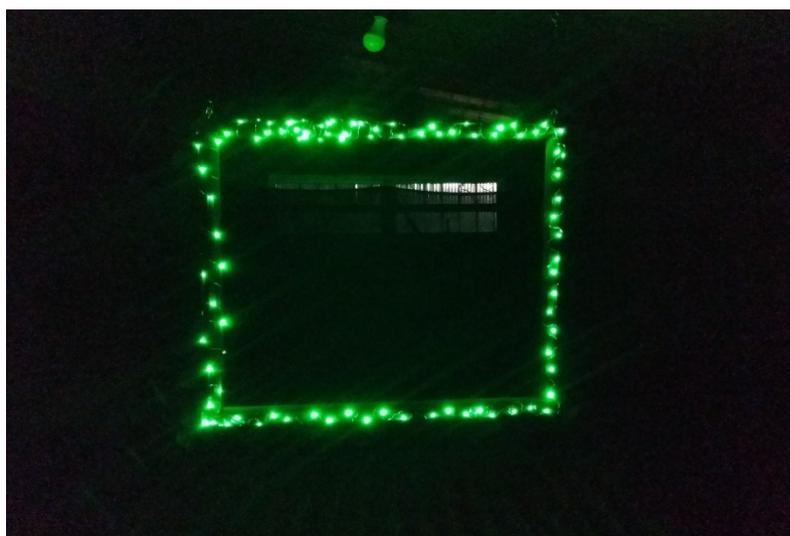


Figura 2 – A construção de uma caixa preta, cenografia e iluminação para o espaço, 2021.
Fonte: arquivo pessoal.

CASA ENQUANTO CORPO – Lygia Clark

Como segunda perspectiva abordada neste trabalho, se tem a desenvolvida pela artista Lygia Clark². A artista transitava em uma confluência de linguagens, partindo das artes plásticas. Muitas de suas obras tratavam da temática de uma relação com o corpo, como Medeiros (2015) aponta:

² Lygia Clark (1920-1988), nascida em Minas Gerais, foi uma artista plástica, pintora e escultora brasileira. Suas obras localizavam-se no encontro entre arte e vida, por meio de criações que propunham a ideia de corpo como obra.

Os escritos autobiográficos de Lygia Clark – encontrados em seus inúmeros diários e em suas correspondências epistolares – podem ser considerados autobiografias artísticas, estéticas, éticas – e, por que não, filosóficas – e nos levam a questionar qual seria a relação entre corpo (vida) do autor e seu corpus (sua obra). E, ainda, como ler essas relações para além das leituras tradicionais? [...] a escrita toca nos corpos segundo o limite que separa o sentido (da escrita) da pele e dos nervos (do corpo). (MEDEIROS, 2015, p. 108)

Uma de suas obras mais conhecidas de Lygia Clark, intitulada *A Casa é o Corpo*, consistia em uma grande instalação no formato de um labirinto que simulava um útero, onde se poderia entrar, caminhar, perceber elementos e experimentar sensações táteis por meio deles. Com diversas passagens, os visitantes da obra vivenciavam estes caminhos por meio do contato com percepções de ovulação, germinação e expulsão, ou seja, a ideia dos movimentos uterinos.



Figura 3 – Instalação *A Casa é o Corpo: Labirinto*, de Lygia Clark. (1968).

Reprodução fotográfica de Elisa Guerra e Vicente de Mello

Fonte: MILLIET, Maria Alice. 1992. "Lygia Clark: obra-trajeto".

São Paulo, EDUSP. Imagem pertencente ao Centro de Documentação do MAM-RJ.

Ao eleger o corpo como o lugar da experiência o trabalho da artista é extremamente profícuo. O corpo como o lugar da experiência primeira, das sensações, da memória, do reconectar-se ao mundo. O corpo como um receptáculo para receber todas as possibilidades de ser e estar no mundo. A obra de arte passa a ser um exercício comportamental. Para a artista, a arte supera a automatização quando realizada de dentro para fora, num sentido interno, nas possibilidades de cada indivíduo. Por meio desse exercício, torna possível a relação com o coletivo, com o mundo à sua volta. (DE CARVALHO, 2011, p. 136)

Por meio desta proposição, a obra artística pode borrar as fronteiras entre corpo e espaço, onde o corpo pode SER a casa e não apenas ESTAR DENTRO dela. O corpo pode compor seus próprios cômodos e se localizar como

uma morada, de onde partem estados, espasmos e ações. Uma espécie de ocupação deste espaço NO corpo e vice-versa.



Figuras 4 e 5 - Ato Cênico TravessiaS – Janeiro/2021.
Pesquisa, concepção, encenação e dramaturgia: Karimme Silva.
Registros: Rogério Folha

CASA ENQUANTO TEMPO – Sônia Rangel

Colado ao tema do Tempo, o tema da Casa perpassa todo o conjunto de poemas e por isso lhes dá título. É através das fusões e alusões, de partes ou totalidades da casacorpo como “abrigo”, em sua extensão mais próxima ou mais longínqua, que o sujeito-ator da CasaTempo constrói e abriga em suas imagens todo um percurso de sensações, circulando do quintal ao mundo, do interior de si mesmo ao interior do conjunto dos seres vivos. (RANGEL, 2002, p. 27)

A atriz e artista plástica Sônia Rangel³ é o aporte para a terceira abordagem sobre a ideia de casa apresentada neste trabalho. Esta pesquisadora, por meio dos trânsitos entre a cena, a palavra e a linguagem visual, dedica-se a experimentações poéticas visando este intercuro. Em sua tese de doutorado intitulada *CasaTempo uma Poética: Jogo, Imagem E Memória no Percorso Criativo de um Espetáculo-Exposição*, a autora dialoga poeticamente com todas essas frente e propõe o diálogo da casa, do corpo e do tempo:

Este sujeito do corpo imaginário aproxima-se também da essência do trabalho do ator que para estar no palco, precisa percorrer a sua casa-corpo, inventando como obra os seus modos de ser um outro, e “escrevendo” a sua forma viva no tempo-espaço da cena. O Tempo, ameaçando a casa-corpo, é senhor absoluto, é sempre feto, está sempre nascendo. Para enfrentá-lo como ilimitado, o sujeito-ator recorre a uma múltipla transmigração, em sucessivas imagens, que vão fixando trajetórias, espécie de formatempo, forma-andarilha, que vai dando sentido a toda experiência do corpo, que é sempre imaginária. (RANGEL, 2002, p. 27)

Pensando por esta terceira perspectiva e analisando o contexto atual, pode-se inferir que o processo artístico segue uma linha de tempo concreta e metafórica; a casa, durante a pandemia é o local onde se passa mais tempo, e não apenas o tempo de um isolamento ou de uma quarentena, mas o tempo da memória, principalmente quando a casa é o mesmo espaço durante uma vida toda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o atual contexto de pandemia, onde existe uma restrição de espaços públicos e conseqüentemente, de espaços para apresentações artísticas, ocorre a adaptação para transmissões virtuais, bem como a reorganização de espaços outros. Este trabalho partiu de três abordagens teórico-poéticas para compreender a casa enquanto espaço de isolamentos e sobrevivências em um contexto de pandemia. Por meio da ideia das interlocuções conceituais, pela ideia de abrigos internos e de locais, foi possível compreender que a ideia de “casa” se institui enquanto sentido concreto e

³ Professora associada e permanente no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, ambos na Universidade Federal da Bahia / UFBA.

metafórico, onde não somente a sua estrutura se preenche de significados como também, as relações deste espaço com o ser humano, por meio das instâncias poéticas, do tempo e do corpo. Conclui-se que a casa ocupa espaços íntimos (de isolamentos), espaços artísticos (de processos cênicos) e os espaços de construção de relações/memórias (de sobrevivências).

Referências bibliográficas

- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CLARK, L. Breviário sobre o corpo. *Revista Concinnitas*, v. 1, n. 26, p. 165-177, 2015.
- DE CARVALHO, D. O corpo na poética de Lygia Clark e a participação do espectador. *Revista Moringa – Artes do Espetáculo*. João Pessoa, Vol. 2, n. 2, 131-142, jul./dez. de 2011.
- FELIPPE, Maíra Longhinotti. Casa: uma poética da terceira pele. *Psicologia & sociedade*, v. 22, n. 2, p. 299-308, 2010.
- MEDEIROS, M. Lygia Clark: brevíário sobre o (s) corpus. *Revista Landa*, 2015.
- MILLIET, Maria Alice. *Lygia Clark: obra-trajeto*. São Paulo, EDUSP, 1992. Imagem pertencente ao Centro de Documentação do MAM-RJ.
- RANGEL, S. *CasaTempo, uma poética: jogo, imagem e memória no percurso criativo de um espetáculo - exposição / Sonia Lucia Rangel*. - 2002. 214 f. il. Disponível em: < <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27483> > . Acesso em 25 Jan 2021.
- _____, S. *CasaTempo: Poemas e Desenhos*. Salvador: Solisluna, 2005.